

**AS RODAS DE CONVERSA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO NA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**THE TALKING CIRCLES AS A METHODOLOGICAL INSTRUMENT IN YOUNG  
PEOPLE AND ADULTS EDUCATION**

**LAS RONDAS DE CONVERSACIÓN COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO  
EN LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS**

**Keila Mourana Marques Silva (Mestra em educação)**

Docente da Fundação Municipal para Educação Comunitária (FUMEC)

E-mail: keilamourana@gmail.com

**Valéria Oliveira de Vasconcelos (Doutora em Educação)**

Docente do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL)

E-mail: valvasc2013@gmail.com

**RESUMO**

O objetivo central do presente relato é o de problematizar o uso de Rodas de Conversa como metodologia pedagógica e investigativa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) mediatizada pela Educação Popular. As ações fomentaram diálogos e discussões das quais emergiram algumas concepções sobre os processos de ensinar e aprender na EJA. Nessa proposta, todas as pessoas envolvidas têm a oportunidade de expressar o que pensam, o que sentem, além de manifestar suas visões de mundo. Os resultados apontam que os jovens e adultos(os) participantes, apesar da defasagem em relação aos seus estudos, pensam criticamente seu futuro, têm uma visão própria sobre seu processo de formação e desejam uma educação de qualidade, voltada aos seus interesses. Além disso, buscam processos de aprender e ensinar capazes de trazer mudanças em sua realidade, respeitando as suas experiências como ponto de partida para o próprio crescimento, independente de diplomas e certificações. Conclui-se que, para a maioria dos/as participantes, a aprendizagem significativa é o que os motiva na construção do conhecimento e as Rodas de Conversa se mostraram uma estratégia política libertadora, uma vez que nesse espaço suas vozes e opiniões se legitimam na escuta e no diálogo horizontal.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Rodas de conversa. Educação Popular.

**ABSTRACT**

The main objective of this article is to problematize the use of Talking Circles as a pedagogical and investigative methodology in Young People and Adults Education mediated by Popular Education. The actions fostered dialogues and discussions from which some conceptions about the processes of teaching and learning in the EJA emerged. In this line of thought, all the participants involved have the opportunity to express what they think, what they feel, in addition to manifesting their world views. The results point out that, despite the lack of progress in their studies, the young people and adults who participated in the study think critically about their future, have their opinions regarding their own education process and want an education of quality focused on their interests. In addition, they look for processes of learning and teaching that bring changes to their reality, which respect their experiences as a starting point for their

own growth, independently of diplomas and certifications. In conclusion, for most participants meaningful learning is what motivates them to build knowledge and, in this sense, the Talking Circles have proved to be a liberating political strategy, since in this space their voices and opinions are legitimized in the horizontal dialogue and listening.

Keywords: Young People and Adults Education. Talking Circles. Popular Education.

### RESUMEN

El objetivo central aquí es el de problematizar el uso de Rondas de Conversación como metodología pedagógica e investigativa en la Educación de Jóvenes y Adultos mediatizada por la Educación Popular. Las acciones fomentaron diálogos y discusiones de las cuales surgieron algunas concepciones sobre los procesos de enseñanza y aprendizaje en la EJA. En esta propuesta, todas las personas involucradas tienen la oportunidad de expresar lo que piensan, lo que sienten, además de manifestar sus visiones de mundo. Los resultados apuntan que los jóvenes y adultos participantes, a pesar del desfase en relación a sus estudios, piensan críticamente su futuro, tienen una visión propia sobre su proceso de formación y desean una educación de calidad direccionada hacia sus intereses. Además, buscan procesos de aprender y enseñar capaces de traer cambios en su realidad, respetando sus experiencias como punto de partida para el propio crecimiento, independiente de diplomas y certificaciones. Se concluye que para la mayoría de los participantes, el aprendizaje significativo es lo que los motiva en la construcción del conocimiento y las Rondas de Conversación se han mostrado una estrategia política liberadora, una vez que en ese espacio sus voces y opiniones se legitiman en la escucha y en el diálogo horizontal.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos. Rondas de conversación. Educación Popular.

Este relato de experiência emerge da aplicação de uma pesquisa científica originada do programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo/SP. A pesquisa em questão foi realizada junto à Fundação Municipal para Educação Comunitária (FUMEC) (SILVA; VASCONCELOS, 2015), instituição de ensino destinada à Educação de Jovens e Adultos (EJA) em dois ciclos, referentes aos anos iniciais do Ensino Fundamental. No Ciclo I, estão os Programas de Educação Básica (PEB) I e II, que equivalem ao 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental 1. No Ciclo II, é realizado o PEB 3, que equivale ao 4º e 5º anos do Ensino Fundamental 1. A FUMEC recebe alunos/as, a partir de 15 anos, o ano todo e seu curso é reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Possui 200 salas divididas em cinco Regionais: Regional Norte, Regional Sul, Regional Leste, Regional Sudoeste, Regional Noroeste de Campinas/SP. O Programa EJA PROFISSÕES da Regional Sul<sup>1</sup> funciona em seis

---

<sup>1</sup> A escolha pela Regional Sul, para a realização da pesquisa, deu-se em função de ser esta uma Regional com bastante diversidade e riqueza em relação ao perfil dos alunos/as, pois aqueles que a frequentam moram em bairros distantes do centro, outros mais próximos, com uma faixa etária abrangente, variando entre 15 e 82 anos. A maioria

locais da FUMEC, com uma clientela bastante diversificada em relação à faixa etária, gênero, atividade profissional, sonhos e visões de mundo.

O objetivo da pesquisa era o de desvelar algumas concepções sobre os processos de ensinar e aprender a partir dos olhares de alunas e alunos/as desse espaço educativo. Isso porque, historicamente, a problemática que envolve a EJA vem desafiando profissionais comprometidos com uma prática educativa problematizadora, que buscam encontrar estratégias de ações mais participativas e horizontais, pautadas no diálogo, na autonomia e na emancipação de alunos(as).

Ao se almejar encontrar formas de melhor apreensão dessas concepções, lançou-se mão das Rodas de Conversa, que se apoiam nos Círculos de Cultura desenvolvidos por Paulo Freire e cujos pressupostos se baseiam na educação como prática da liberdade e na consequente transformação dos indivíduos e do meio em que estes vivem. Isso porque para Freire (1987, p. 50):

É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento desse buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de *universo temático* do povo ou o conjunto de seus *temas geradores*. Tal investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos “temas geradores” e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos. Esta é a razão pela qual, (em coerência ainda com a finalidade libertadora da educação dialógica) não se trata de ter nos homens o objeto da investigação, de que o investigador seria o sujeito. (FREIRE, 1987, p. 50)

Nessa busca, as Rodas de Conversa emergiram como uma forma respeitosa de fazer pesquisa, de ouvir os(as) participantes e de construir o conhecimento *com* os alunos/as, uma vez que muitos deles (as) não dominam a leitura e a escrita. O diálogo, nesse sentido, como o ressaltado pelas experiências de Educação Popular, representou a possibilidade de partilha de saberes.

Objetivando levantar concepções do ensinar e aprender entre os/as participantes da pesquisa, foi utilizado um questionário, sendo que *As Rodas de Conversa* foram compartilhadas partindo de oito perguntas relacionadas ao tema ensino e aprendizagem. Cada pergunta propunha, cinco alternativas, as quais versaram sobre abordagens educacionais como propõe Mizukami (1986) em seu clássico livro “Ensino: Abordagens do processo”.

---

dos alunos/as que frequentam as salas de aula da FUMEC, as quais possuem o Programa EJA PROFISSÕES, não conhecem letras ou leem e escrevem com dificuldades. Muitos vêm de outros estados e cidades, possuem um nível socioeconômico baixo e exercem atividades profissionais ligadas ao comércio e outras ocupações, tais como: serviços gerais, empregados domésticos, ajudantes de cozinha, pedreiros, ajudantes de pedreiros, pintores, auxiliares de limpeza, funcionários de indústrias, autônomos, entre outras. Muitos deles demonstram grande interesse pelo Programa EJA PROFISSÕES e esperam, por meio dos cursos oferecidos, aperfeiçoar seus conhecimentos e conseguir um emprego melhor.

As questões e respectivas alternativas estão arroladas abaixo:

1 O que você acha que tem de fazer, como ALUNO, para aprender melhor?

- O aluno vai aprender se ele tiver interesse, independentemente do/a professor/a e da escola;
- Buscar novos conhecimentos, pensando sobre o que aprendeu e compartilhando com os/as colegas;
- Somente se o/a professor/a forçar a aprendizagem, mostrando o que é melhor para os/as alunos/as/as por meio de modelos a seguir;
- Construir sua aprendizagem, a partir do que você já sabe, através de materiais diversos (da escola e de fora dela);
- Ele aprende por etapas, que devem ser avaliadas por meio de provas, testes e notas

2 Como você gostaria que fosse a ESCOLA?

- Um lugar que controle todos os/as alunos/as/as, ensinando o jeito certo, premiando quem se comporta melhor;
- Um lugar em que o/a aluno/a possa aprender e ensinar, junto com os/as professores/as, com muita conversa e respeito dos dois lados;
- Um ambiente desafiador, que ajude o/a aluno/a a aprender por si mesmo, através de pesquisas, leituras,
- O lugar ideal para aprender; quanto mais séria melhor para os/as alunos/as/as não se distraírem.
- Um lugar que respeite os/as alunos/as/as, que todos possam dizer o que pensam, descontraído e sem nenhuma pressão

3 Como o/a professor/a deve trabalhar em sala de aula, na sua opinião?

- O professor é quem decide o que e como ensinar para os/as alunos/as/as;
- Com muitas atividades planejadas e reforço para verificar se o/a aluno/a realmente aprendeu;
- Com um estilo próprio para facilitar a aprendizagem do/a aluno/a, sem pressão;
- O professor deve propor desafios para os/as alunos/as/as e apresentar problemas sem dar a resposta pronta;
- O professor deve criar condições para que juntos, professor e aluno construam o conhecimento através de conversas e reflexões;

4 De que forma você acredita que poderia melhorar tanto as maneiras de ensinar quanto de aprender na escola:

- O professor tem que cobrar as lições dos/as alunos/as/as, dar reforço se for preciso, fazer avaliações quantas vezes forem precisas até que o/a aluno/a aprenda;
- Os alunos/as devem aceitar a verdade: fazer o que o/a professor/a manda, afinal é ele quem sabe o que é melhor para seus alunos/as, ele estudou para isso;
- O professor deve respeitar o que o/a aluno/a sabe, desenvolvendo suas potencialidades por meio de atividades adequadas a cada um;
- É o/a aluno/a que tem que se responsabilizar por aprender de acordo com seus interesses. O professor não tem que cobrar do/a aluno/a, impor regras;
- O professor deve criar maneiras para que o/a aluno/a aprenda, conversando e questionando, buscando contribuir para transformar sua realidade

5 Como você acha que deveria ser a avaliação?

- Pela auto-avaliação, pois devemos ter responsabilidade sobre nossas aprendizagens;
- Além de provas, testes, chamadas orais, o/a professor/a avaliar por meio de elogios e prêmios àqueles/as que apresentarem melhor desempenho;
- A avaliação conjunta professor/aluno, sempre, contínua do que acontece nas salas de aula e na vida;
- A avaliação deve ser livre, por meio de escrita espontânea, expressões, textos dos/as alunos/as/as;
- Por meio de provas, testes, chamadas orais e muitos exercícios

6 Para você o conhecimento:

- É construído a partir da experiência individual e ajuda a transformar a vida, tornando as pessoas melhores;
- É transmitido através da escola, quanto mais armazenadas e acumuladas as informações mais inteligentes ficam as pessoas.

- É uma nova descoberta para o indivíduo. O que ele aprende leva a uma maior competência, a partir de experiências planejadas;
- É considerado uma construção contínua, em etapas de formação até um estado de equilíbrio que nunca é alcançado por completo;
- É construído pelas pessoas para que entendam melhor sua realidade, pensem sobre ela e, possam transformar sua história

7 Para você o que a educação deveria priorizar:

- Pensar sobre a realidade, provocando e criando condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a ação;
- A instrução, caracterizada pela transmissão de conhecimentos pela escola;
- Condições para que o/a aluno/a aprenda por si próprio e conquiste autonomia intelectual, desenvolvendo sua personalidade;
- A valorização da autonomia, da iniciativa, da responsabilidade, da autodeterminação, e a aprendizagem de coisas que servirão para a solução de seus problemas.
- A promoção de mudanças desejáveis e permanentes no indivíduo, adquirindo novos comportamentos e modificando os comportamentos indesejados

8 Em relação ao ensinar e o aprender, o importante é:

- Conseguir o diploma e boas notas de acordo com o conteúdo transmitido levando-se em conta o ritmo de cada aluno e de acordo com os objetivos estabelecidos;
- Aprender independentemente de conteúdos, mas a escola deverá possibilitar ao/a aluno/a o desenvolvimento de suas potencialidades por meio de jogos, leituras, discussão, arte, oficina, etc.
- A ação e reflexão dos homens sobre o mundo, como objetivo de transformá-lo.
- Obter diplomas, notas de acordo com o conteúdo transmitido, indo cada vez mais além;
- A aprendizagem significativa, envolvendo toda a pessoa, a pesquisa dos conteúdos será feita pelos/as alunos/as/as, que deverão ser capazes de criticá-los, aperfeiçoá-los e substituí-los caso seja necessário.

Fonte: os autores, 2018.

Esta pesquisa principal é definida como estudo de caso e como pesquisa secundária a pesquisa de campo foi feita em seis escolas (oito salas de aula), sendo cinco delas no turno da noite e uma no turno da manhã, durante o período de março a julho de 2014. Em relação aos sujeitos investigados, participaram 76, sendo 24 homens e 52 mulheres com uma faixa etária abrangente, variando entre 15 a 82 anos.

Conforme as atividades foram sendo desenvolvidas, os depoimentos dos/as educandos/as foram registrados pela pesquisadora de acordo com o que foi decidido com eles/elas, conforme os combinados e sugestões dos próprios/as participantes. Foi definido que à medida que a pesquisadora fosse lendo as questões, os alunos/as deveriam ir sinalizando com os dedos embaixo da carteira para que as respostas não influenciassem as escolhas dos demais, acerca das alternativas escolhidas. Logo em seguida, após nova leitura das perguntas e de todas as alternativas, os alunos/as iam colocando-se e a pesquisadora anotava a quantidade das alternativas escolhidas por eles/elas, bem como as falas que iam surgindo no decorrer da dinâmica. Na visão de Figueiredo e Queiroz (2013), a Roda de Conversa é uma metodologia participativa muito interessante, pois favorece a construção de uma prática dialógica em

pesquisa, o que possibilita o exercício de pensar compartilhado. De acordo com essas autoras, torna-se importante o uso de tal prática no sentido de coletar informações por meio do diálogo.

Também foi combinado entre os/as participantes que, embora muitas questões parecessem “corretas”, era importante que eles/elas escolhessem a alternativa que considerassem mais adequadas, conforme suas visões de mundo. Importante ressaltar que todo o processo metodológico foi construído em conjunto, com as pessoas envolvidas, conforme preconizam as premissas da Educação Popular. Segundo Silva e Bernardes (2007), a Roda de Conversa é um profícuo meio para coletar informações, caracterizando-se como uma oportunidade de aprendizagem e exploração de argumentos, sem a exigência de elaborações conclusivas, em que a Conversa se desenvolve num clima de informalidade, o que cria possibilidades de diálogos.

Como resalta Freire (1987), uma investigação participativa implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Nesse sentido, ela deve ser dialógica e também conscientizadora, proporcionando, ao mesmo tempo, a compreensão dos temas geradores e a tomada de consciência. Dessa forma, torna-se interessante o uso das Rodas de Conversa no sentido de coletar informações por meio do diálogo. Ademais, pensando nesses diálogos, as falas dos educandos são trazidas, buscando atender para uma escuta respeitosa de suas vozes. Aqui, especificamente, trata-se dessa metodologia de coleta de dados, que propiciou a emergência de concepções sobre diferentes abordagens do processo de ensinar e aprender como um todo. Isso, seja em relação ao papel do aluno e do professor, às expectativas frente à escola, no que ela poderia ser melhorada, a melhor forma de avaliação, de compreender o conhecimento, o que a educação deveria priorizar, bem como o que os(as) participantes consideram mais importante no que concerne ao ensinar e aprender.

No processo de aplicação das questões de pesquisa, inicialmente os alunos/as eram informados/as sobre os objetivos da pesquisa e da Roda de Conversa, sobre a garantia de anonimato dos/as participantes e o compromisso com a devolutiva após o término da investigação. Após isso, eram compartilhadas as perguntas arroladas acima, bem como as cinco alternativas sugeridas, aplicadas em todas as Unidades Escolares e, finalmente, eram iniciadas as discussões. Importante ressaltar que, em todos os espaços educativos, deixou-se claro que, com as Rodas de Conversa, almejava-se que todas as pessoas tivessem oportunidades de falar sem se preocuparem com a escrita ou outros meios, pois naquele trabalho o diálogo seria essencial, pretendendo que todos/as participassem ativamente e exercitassem o pensar compartilhado.

No decorrer das Rodas de Conversa, alguns participantes tiveram dúvidas em relação a algumas questões e, conforme estas iam surgindo, iam sendo esclarecidas entre as próprias pessoas do grupo. Foi ressaltado que, embora várias respostas parecessem “corretas”, seria importante que eles escolhessem apenas a que parecesse mais adequada. Assim, as conversas foram transcorrendo tranquilamente. Outro esclarecimento importante e recorrente era o de que professoras e professores não deveriam influenciar as respostas, dando vez aos alunos/as para que suas vozes fossem ouvidas. Solicitou-se também aos alunos/as sinceridade nas respostas, que não se preocupassem com a presença da professora naquele ambiente escolar ao escolherem e darem suas opiniões, pois as questões e alternativas eram relacionadas a todo e qualquer tipo de professor/professora.

Em cada uma das oportunidades, era perguntado sobre qual a melhor forma de condução das perguntas e respostas: se seria melhor que, na medida em que fossem lidas as questões os/as participantes iriam anotando em seus cadernos, sinalizando com os dedos as respostas escolhidas, ou se primeiro fossem lidas todas as perguntas e depois eles/as falariam, conforme suas escolhas. Caso achassem necessário, as questões poderiam ser lidas e relidas quantas vezes fosse preciso. O importante era que não permanecessem com dúvidas no decorrer da Roda de Conversa. Inclusive, se não houvesse tempo para conclusão, seria possível realizar outra roda para que se finalizasse a pesquisa.

Retoma-se que a pesquisa aqui relatada tinha, por fim, levantar as concepções de alunos de EJA/FUMEC sobre os processos de ensinar e aprender; compreender aspectos dessas concepções, tais como o entendimento dos participantes sobre o ser humano, a relação professor-aluno, a metodologia e a avaliação e analisar as possíveis mediações da Educação Popular. Isso porque, como afirma Freire (1996), é fundamental que não se perca a esperança de construir uma educação mais humanizada e problematizadora. Para que isso aconteça, deve-se refletir constantemente sobre a prática educativa, sobre como as atividades vêm sendo realizadas, uma vez que podem tanto levar à submissão, à conformação com a realidade, quanto à transformação desta. De acordo com o autor os(as) alunos(as) devem ser incentivados(as) na busca por novos desafios, aprendizagens e pela modificação do que está posto. Tais desafios devem estar apoiados sempre na beleza e na alegria da procura por *Ser Mais*, que se constrói na compreensão da própria realidade para poder nela intervir, como sujeitos da própria história.

A elaboração do questionário foi feita com bastante rigor e cuidado metodológico com o objetivo de que as perguntas ficassem claras e adequadas à compreensão dos/as participantes, acompanhadas de uma escuta atenta e respeitosa, facilitando, assim, uma relação dialógica entre pesquisadora e estudantes. Com essa estratégia, acredita-se ter alcançado uma visão mais

ampliada sobre o que esses alunos/as pensam, quais suas representações sobre as concepções de ensino e aprendizagem em relação ao seu papel, ao papel do professor, à educação, à escola, ao conhecimento e à avaliação, entre outros temas que emergiram.

A análise das atividades revelou grande conhecimento por parte dos alunos/as que, mesmo com pouca afinidade com o conhecimento produzido teoricamente, demonstraram discernimento e sensatez em suas respostas. Como propõe Paulo Freire (2001, p. 42), “Você só trabalha realmente em favor das classes populares se você trabalha *com* elas, discutindo com respeito seus sonhos, seus desejos, suas frustrações, seus medos, suas alegrias”, se não houver diálogo, não há respeito. Sobre quem são esses alunos/as e como eles/elas pensam, quais são suas experiências, a pesquisa permitiu perceber que jovens e adultos, apesar da defasagem em relação aos seus estudos, pensam em seu futuro, têm uma visão própria sobre seu processo de formação e desejam uma educação de qualidade, voltada aos seus interesses. Além disso, buscam uma aprendizagem capaz de trazer mudanças em sua realidade, respeitando as suas experiências como ponto de partida para o próprio crescimento, independente de titulação. Para a maioria dos/as participantes dessa pesquisa, a aprendizagem significativa é o que os motiva na construção do conhecimento.

Outro aprendizado emergido da pesquisa foi o de que os princípios da Educação Popular podem auxiliar a enxergar cada aluno de forma diferenciada, com sua identidade pessoal, social, mutável, inconclusa, que se amplia, se transforma conforme vão adquirindo conhecimentos. Todos/as têm sonhos, objetivos, anseios, que os distinguem dos demais, por isso não devem ser tratados de uma mesma forma, ensinando do mesmo jeito, trabalhando conteúdos iguais e a todos/as, sem distinção, sem levar em conta os saberes, as necessidades e projetos de vida de cada pessoa envolvida no processo educacional. As Rodas de Conversa permitiram profundas reflexões conjuntas, proporcionando uma visão diversificada sobre o tema abordado. Deve-se repensar a educação de modo que sirva aos interesses de todas e todos/as alunos/as de EJA, que merecem e precisam ser respeitados.

Nesse sentido, apoia-se na Educação Popular como um exercício cultural da educação, estudando conceitos, buscando reflexões como auxílio do professor Brandão (2002, p.174) que indica:

Acredito que ontem e hoje, a educação popular toma os seus sujeitos-educandos como atores ativos de um tipo de trabalho ao redor do ensinar-e-aprender. Um exercício cultural através da educação, onde a participação pessoal e interativa nos próprios processos de decisão a respeito de tudo o que envolve a comunidade aprendente de que tais atores são parte, é inerente à essência do próprio trabalho pedagógico.

A horizontalidade, o diálogo, o respeito mútuo, a escuta atenta e respeitosa, além da partilha de



saberes foram alguns dos requisitos fundamentais socializados durante a experiência aqui relatada. Essas ações remetem à possibilidade de construção de processos de aprender e ensinar mais legítimos e dignos, principalmente na EJA, de modo a buscar reflexões e posicionamentos que conduzam as pessoas envolvidas à esperança de uma educação emancipadora, como prática da liberdade.

No decorrer da investigação, pôde-se perceber que as Rodas de Conversa realizadas trouxeram ricas experiências e reflexões, pois, a partir delas, certificou-se uma realidade muitas vezes não assumida nas escolas: que os alunos/as de EJA possuem uma bagagem imensa de conhecimento e com eles(as) é possível aprender que a transmissão de conhecimentos jamais é unidirecional. Cabe aos educadores, investir na curiosidade epistemológica que propõe Freire: “É importante o respeito ao educando, aos seus saberes, à afetividade, à amorosidade nas relações educando-educador”.

Por meio de Rodas de Conversas, é possível ouvir o educando e, com isso, colaborar de forma consciente, democrática e compartilhada na construção de projetos pedagógicos voltados aos para os interesses das classes populares, organizando, com eles(as), os conteúdos a serem trabalhados, buscando alcançar os objetivos propostos em sala de aula. Segundo Brandão:

Devemos pensar, como educadores, em uma educação destinada a ser, de maneira contínua, permanente, àquilo a que nós próprios estamos destinados e não aquilo que nos “destina a”, fora da realização consciente e co-responsável do que nos torna mais e mais humanos e solidariamente felizes. (BRANDÃO, 2002, p.194).

Nas Rodas de Conversa, ficou claro que, embora exista o pluralismo de ideias, as concepções dos/as participantes sobre os processos de ensinar e aprender rechaçam, em sua maioria, os pressupostos de uma abordagem “tradicional” e “comportamentalista”, em que o/a professor/a é quem define o conteúdo a ser transmitido. Na fala dos/as participantes, ficou evidente que não os atrai uma perspectiva em que não haja flexibilidade e em que o ensino seja diretivo, vertical, autoritário.

É importante analisar e discutir distintas opções teóricas existentes em situações de ensino e aprendizagem, como foi feito em diálogo com os/as alunos/as de EJA I/FUMEC. Por meio do diálogo, na circularidade das palavras, foram aprendidas várias lições emergidas das vozes das/os participantes que, mesmo com um conhecimento teórico limitado, todos são capazes de apresentar argumentos que mostram nossas vivências, experiências, estas que, muitas vezes, não são consideradas no âmbito escolar.

Quando se parte da Educação Popular e da EJA, não se deve esquecer que o que se faz é Educação, uma educação que busca construir e compartilhar conhecimentos, por meio de

discussões e problematizações, para que haja possibilidades de transformá-los em ação. Deve-se praticar a pedagogia da pergunta e da escuta, respeitar o conhecimento do/a aluno/a, na busca de promoção de novos conhecimentos, como pontua Freire (1996, p. 32) “Como educador preciso de ir ‘lendo’ cada vez melhor a leitura do mundo, que os grupos populares com que trabalho fazem, de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte.” Isso significa que não se pode desconsiderar a experiência do/a educando/a, seu modo de vida.

Conclui-se com esta pesquisa que, apoiada na Educação Popular (não como única possibilidade, mas uma boa alternativa), é possível construir uma educação mais igualitária, horizontal, solidária, de modo a satisfazer as necessidades de Jovens e Adultos, a uma prática educativa em que educandos/as e educadores/as possam afinar seus sonhos. Mesmo com as prováveis diferenças, não se deve impor pensamentos, emoções, visões de mundo, e sim conhecer e aprofundar sentimentos, lutas e principalmente respeito aos saberes do grupo, o que demonstra compromisso para uma formação permanente, inacabada e plural.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular?** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

FIGUEIREDO, Alessandra Aniceto Ferreira de; QUEIROZ, Tacinara Nogueira de. A Utilização de rodas da conversa como metodologia que possibilita o diálogo. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10: Desafios atuais do Feminismo. **Anais eletrônicos [...]** Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: [www.fazendogenero.ufscar.br](http://www.fazendogenero.ufscar.br). Acesso em: 15 mar. 2015.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; BERNARDES, Nara Maria Guazelli. Roda de Conversas - Excelência acadêmica é a diversidade. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, n. 1 (61), p. 53-92, jan./abr. 2007.

SILVA, Keila Mourana; VASCONCELOS, Valéria Oliveira. Ensinar e aprender sob o olhar de alunos de EJA: mediações da Educação Popular. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 37. **Anais [...]** Florianópolis, 2015.

SILVA, Keila Mourana; VASCONCELOS, Valéria Oliveira. O que nos ensinam e o que aprendem os alunos de EJA em seus processos educativos: Contribuições da educação popular. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 22, n. 45, p. 99-119, maio/agos., 2017.